



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Contribuições da Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas para os estudos em Folkcomunicação¹

Alexsandro Melo Medeiros²
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Esta comunicação pretende estabelecer uma aproximação entre os estudos de Folkcomunicação, com ênfase nas ideias de Luiz Beltrão, e a Teoria do Agir Comunicativo do filósofo alemão Jürgen Habermas. Como metodologia optou-se pela pesquisa bibliográfica, a partir da qual se conclui ser possível tecer uma análise comparativa em torno de uma extensa variedade de conceitos, dentre os quais fez-se a opção pelo paradigma da razão comunicativa aliado ao conceito de intersubjetividade, e a oposição entre *mundo da vida* e *mundo sistêmico*.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Teoria do Agir Comunicativo; mundo da vida.

Considerações sobre Folkcomunicação

A Folkcomunicação é um campo de estudos e pesquisa em Teoria da Comunicação oriundo das pesquisas de Luiz Beltrão Andrade de Lima (1918-1986) e suas subsequentes interpretações, tendo como objetivo o estudo da difusão da comunicação popular e do folclore nos meios de comunicação de massa.

A partir da tese de doutorado defendida junto à Universidade de Brasília em 1967³, Beltrão “queria descobrir como as camadas populares se comunicavam e transmitiam suas opiniões, e conseguiu sua resposta nas manifestações de folclore e no papel dos líderes de comunicação” (SILVA, 2011, p. 28). Como pondera ainda Silva (2011, p. 27), a discussão sobre a ideia de Folkcomunicação “remete diretamente ao olhar sugerido por

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia, da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

² Mestre em Filosofia pela UFPE. Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Bolsista e Pesquisador FAPEAM. Professor Adjunto da UFAM, e-mail: alexsandromedeiros@ufam.edu.br

³ O livro *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*, da editora da PUC/RS, traz o texto integral da tese de doutoramento de Luiz Beltrão. Em 1980 Beltrão publicou outra obra referência para os estudos de Folkcomunicação intitulada *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Luiz Beltrão para o folclore como um canal importante de comunicação. Beltrão foi um apaixonado pela cultura popular, era sensível quanto ao cotidiano das camadas populares e se interessava pelas classes trabalhadoras”.

O próprio Beltrão (2001, p. 79) define Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligado direta ou indiretamente ao folclore”.

Com os seus estudos, agregado as teorias que analisam o folclore e a cultura popular, Beltrão procurou mostrar a Folkcomunicação como fator importante para o diálogo com as classes inexploradas pelos *mass media*. Além disso, teceu comentários sobre manifestações do povo, no campo das artes, da religião, da música e literatura, como contributos para a identidade local e nacional, como valores que demonstram acontecimentos locais disseminados pelos grandes centros, a exemplo da literatura de cordel, do regionalismo das palavras, da indumentária das festas populares e muitos outros fatores que estão, é bem verdade, integrados em sua grande maioria nos festejos produzidos e explorados pelos grandes *media* (OLIVEIRA; SILVA, 2013, p. 2 – grifos dos autores).

A partir, portanto, dos estudos de Beltrão, podemos identificar uma série de questões associadas ao tema da Folkcomunicação: uma análise da produção do povo, das massas, do espontâneo, seja das vias urbanas ou rurais, que identifica como as camadas populares se comunicam e expressam suas opiniões nas manifestações artísticas e folclóricas; o estudo “dos processos de comunicação pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore interagem com outras formas de comunicação, e sofrem influências ou se modificam quando tomadas de empréstimo por complexos comunicacionais” (SILVA, 2011, p. 28); um campo de estudos “que valoriza por excelência a interação social, a cultura popular, as vivências comunitárias, os costumes, as tradições, as redes interpessoais de comunicação, a tradição oral e demais manifestações intersubjetivas de compartilhamento de sentidos” (BARROS, 2000, p. 137); um processo de intermediação entre a cultura das elites e a cultura das classes trabalhadoras, das classes subalternas ou ainda, entre a cultura erudita ou massiva e a rural ou urbana, que inclui elementos da comunicação popular, festas e celebrações populares, que são manifestações típicas do campo da Folkcomunicação.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O que podemos perceber e que os estudos de Folkcomunicação revelam é que da mesma forma que ao lado de uma cultura de elite existe uma comunicação de elite, também existe, ao lado de uma cultura popular, uma comunicação popular.

O mérito de Beltrão foi estudar os processos comunicacionais das classes populares, subalternas, que ele denominou de Folkcomunicação e que não tinham espaço para expressar-se na grande imprensa, e, por isso, tinham que utilizar diversos processos rudimentares de comunicação e expressão, culturalmente ligados ao folclore.

[...] o que Luiz Beltrão aponta como fundamento da folkcomunicação é que não existe onipotência comunicacional na sociedade de classes. Ou seja, numa mesma sociedade encontramos formas diferenciadas de cultura (cultura popular e cultura erudita), mas também de formas de comunicação (BREGUEZ, 2002, p. 180).

Portanto, é a partir desta ideias, relativas ao estudo da Folkcomunicação e com ênfase nas ideias de Luiz Beltrão que pretende-se buscar uma aproximação com a Teoria do Agir Comunicativo do filósofo alemão Jürgen Habermas. Como metodologia optou-se pela pesquisa bibliográfica, considerando artigos científicos e obras em torno da Folkcomunicação, além das obras de Jürgen Habermas, com ênfase na Teoria do Agir Comunicativo (volumes 1 e 2). A partir da pesquisa empreendida observou-se ser possível tecer uma análise comparativa a partir de uma grande variedade de conceitos, dentre os quais fez-se a opção pelo paradigma da razão comunicativa aliado ao conceito de intersubjetividade, e a oposição entre *mundo da vida* e *mundo sistêmico*⁴.

O novo paradigma da razão comunicativa e a ênfase na intersubjetividade

⁴ Ao realizar a pesquisa bibliográfica observou-se outras possibilidades de fazer essa análise aproximativa que não seriam possíveis de levar à cabo neste artigo, considerando as limitações do tamanho do texto e o tempo de exposição de uma comunicação oral. Seria possível, por exemplo, explorar o conceito de *esfera pública*, como pondera Rocha (2007, p. 124) que reconhece: “[...] a influência que o público exerce na visibilidade midiática como espectadores das ‘galerias’, bem como dos atores coletivos periféricos à estrutura de poder que, nos momentos de crise, quando se verifica uma maior mobilização na esfera pública, podem, a despeito das desvantagens estruturais, prevalecer na definição da pauta da agenda midiática, formando opinião e vontade capaz de se transformar em poder comunicativo e, assim, definir a atuação do Estado sobre as questões tematizadas”. Uma outra opção seria relacionar o pensamento de Beltrão, que possui claramente um compromisso ético com a inclusão social, com o princípio do discurso e da universalização, presente na ética do discurso de Habermas (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O século XX viu surgir um novo paradigma no campo dos estudos filosóficos que passou a atribuir uma maior ênfase à linguagem. A razão, antes restrita ao âmbito da subjetividade individual (filosofia da consciência), passa a ser entendida em um contexto comunicativo, *intersubjetivo*. Nesse cenário, o filósofo alemão Jürgen Habermas merece um destaque especial a partir da elaboração da sua Teoria do Agir Comunicativo.

Segundo Honneth (1999, p. 538), Habermas

chegou à premissa fundamental de sua teoria por via de um estudo da filosofia hermenêutica e da análise linguística de Wittgenstein; aí aprendeu que os sujeitos humanos estão *ab initio*, isto é, desde sempre, unidos uns aos outros na busca da compreensão pela língua [...] a forma de vida dos seres humanos distingue-se por uma intersubjetividade enraizada nas estruturas da língua.

Em sua teoria a linguagem é o ponto de partida da análise do agir comunicativo. É o horizonte pré-estruturante que possibilita as experiências e as ações sobre o mundo. A partir da observação de um fato comum, os atos de fala cotidianos, Habermas constrói uma rica teoria, envolvendo as concepções filosófica e sociológica do agir comunicativo, que incluem em seu bojo um conceito de racionalidade – o homem como um ser racional e de linguagem.

Sobre a Teoria do Agir Comunicativo, Oliveira (2008, p. 18-19) afirma que é uma obra

[...] de arquitetura complexa. O objetivo é a formulação de uma teoria orgânica da racionalidade crítica e comunicativa; uma teoria fundada sob a dialética entre agir instrumental e agir comunicativo ou, como ele diz, entre “sistema e mundo da vida”. O sistema está vinculado ao agir instrumental; é o Estado com seu aparato e a sua organização econômica. O mundo da vida está vinculado ao agir comunicativo; é o conjunto de valores que cada um de nós individualmente ou comunitariamente “vive” de maneira imediata, espontânea e natural.

De modo geral, Habermas enfatiza a competência linguística do ser humano e defende o paradigma da racionalidade comunicativa, de base *intersubjetiva*, que possibilita aos indivíduos a busca de um consenso coletivamente da ressignificação dos conteúdos existentes no mundo da vida.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

com a guinada linguística/pragmática, a linguagem passou a ser reconhecida como o *locus* onde a razão se expressa e o que distingue a humanidade da natureza. Isso significa não só que a racionalidade se manifesta através do uso da linguagem, mas, sobretudo, que “só podemos conhecer a razão através desse seu meio privilegiado de expressão (a natureza da linguagem se deixa analisar e nos revela aspectos da racionalidade)” (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 95).

Acontece que essa visão de um paradigma linguístico que fundamenta o agir comunicativo, de certo modo, já havia sido ressaltado por Beltrão, como ponderam Rocha, *et. al.*, (2007, p. 2):

Beltrão teve a premunção visionária de antecipar em mais de uma década a ênfase que Habermas vai conceder à comunicação no esforço de elaborar um novo paradigma científico capaz de oferecer respostas aos desafios colocados pela modernidade tardia: “Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea”.

Aliado, portanto, à concepção de Beltrão, de que “a comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea”, pode-se afirmar que Habermas teve

a coragem de dizer que a categoria central de uma teoria social crítica, hoje, já não é mais a categoria do trabalho, mas a categoria da comunicação. O que me parece sintomático e precioso para os investigadores sociais é que Habermas [...] diga que a categoria central para poder investigar o social não é mais o trabalho, não é mais a produção, é a comunicação (BARBERO, 1995, p. 60).

A correspondência se evidencia na identificação da comunicação como um dos problemas fundamentais da sociedade contemporânea, tanto pela teoria do agir comunicativo quanto pela Folkcomunicação, que inclui uma perspectiva intersubjetiva das relações sociais.

A teoria do agir comunicativo se desenvolve em oposição ao paradigma da filosofia da consciência e em torno da ideia de intersubjetividade.

[...] dentro desse contexto intersubjetivo, o que se concebe como razão e verdade deixa de ser restrito ao âmbito individual do sujeito transcendental (mentalismo), para ser construído no espaço coletivo da intersubjetividade como noções provisórias, jamais concluídas, visto



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

que, como seres em processo, estamos sempre retematizando os consensos sociais, sobre o que se acredita como real (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 96).

A teoria do agir comunicativo enfatiza o caráter social e intersubjetivo do processo de construção de sentido público que deve ter como objetivo a busca por um entendimento por todos aqueles que são afetados sobre determinadas decisões e, por isso, possibilita a denúncia da distorção ideológica que é a exclusão da discussão pública de amplos setores marginalizados nos campos e nas cidades. A ação comunicativa é “a forma pela qual os atores sociais, ao se entenderem sobre algo no mundo, participam simultaneamente em interações através das quais desenvolvem, confirmam e renovam seu pertencimento aos grupos sociais e à sua própria identidade” (BARROS, 2000, p. 138). Por fim,

a Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas (2012) parece evidenciar-se como um modelo de análise da realidade social convergente com a Folkcomunicação [...] apontando os princípios do agir comunicativo como essenciais à solidariedade imprescindível à construção de um mundo menos ameaçador, mais humano e justo, como o pretendido pela proposta de Folkcomunicação elaborada por Luiz Beltrão (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 90-91).

O mundo sistêmico e a colonização do mundo da vida

A teoria da ação comunicativa pressupõe uma teoria social: a do *mundo da vida*⁵. A *ação comunicativa* tem como lócus o *mundo da vida*, que é o pano de fundo, o sistema de referência da ação comunicativa: “a ação comunicativa está, também ela, inserida num mundo da vida que fornece uma cobertura protectora dos riscos sob a forma de um imenso consenso de fundo” (HABERMAS, 1996, p. 127). Ou ainda: o mundo da vida “constitui o horizonte de processos de entendimento por meio dos quais os envolvidos se embatem ou se opõem de acordo sobre algo que está no mundo objetivo, em seu mundo social ou em um mundo subjetivo em particular” (HABERMAS, 2012, p. 245).

⁵ Habermas apresenta o conceito de mundo da vida como complementar ao de ação comunicativa no contexto de uma teoria social, para evitar as dificuldades inerentes ao que ele chama de fenomenologia social, em torno do qual o filósofo Edmund Husserl apresentou o conceito de mundo da vida no contexto de uma crítica da razão. “Como é óbvio, o conceito fenomenológico de mundo da vida aponta para uma concepção da constituição do mundo que se foi buscar à epistemologia, e cuja aplicação directa à sociologia é impossível” (HABERMAS, 1996, p. 129). Para uma análise dos argumentos desenvolvidos sobre tais dificuldades, ver Habermas (1996, p. 129-137).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O *mundo da vida* representa uma teoria social que complementa a ação comunicativa para que seja possível: um entendimento coletivo; o assunto tematizado coletivamente tenha sentido (seja compreensível); e ajude os envolvidos na ação comunicativa a elaborar e fundamentar os argumentos expostos no grupo.

Barros (2000, p. 134) destaca os elementos estruturais que compreendem o mundo da vida:

a cultura, a sociedade e a personalidade. A primeira é entendida por Habermas como o acervo de saberes acumulado historicamente, em que os participantes da comunicação se abastecem de interpretações para entender algo do mundo. A segunda é concebida como um sistema composto por ordenações legítimas, mediante as quais os participantes do processo interativo regulam sua forma de participação e pertencimento a grupos sociais e instituições, a fim de com isso assegurar coesão social e solidariedade. A terceira é vista por ele como um tipo específico de competência subjetiva que possibilita a um sujeito ter linguagem e ação, que o habilita a fazer parte de processos de entendimento e compartilhamento de signos, além de afirmar neles sua própria identidade.

O mundo da vida é formado por elementos culturais e sociais: “as práticas comunicativas cotidianas em que o mundo da vida se centra são alimentadas por intermédio de uma interação entre reprodução cultural, integração social e socialização” (HABERMAS, 1996, p. 143); e também é formado por elementos de estrutura da personalidade dos indivíduos. Habermas (1996, p. 145) propõe a seguinte imagem para ilustrar o entrelaçamento das estruturas da personalidade com a cultura e a sociedade:



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

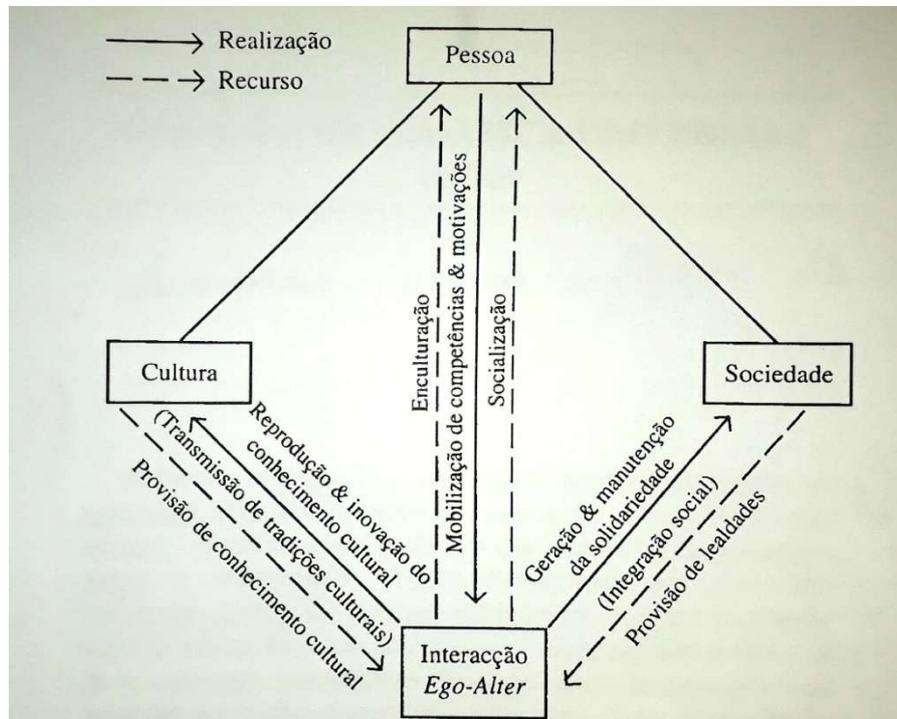


Figura 1. Entrelaçamento das estruturas da personalidade com a cultura e a sociedade

O mundo da vida é o horizonte histórico, a tradição cultural, integrados socialmente, de onde o homem tira o seu saber e de onde os sujeitos em suas interações comunicativas retiram suas ideias e suas convicções pressupostas. Opiniões só podem ser definidas como falsas ou verdadeiras, pensamentos como reais ou fantasias, intenções de ações como despropositadas, caso estejam situados sob o pano de fundo de um mundo intersubjetivamente partilhado: o *mundo da vida*⁶.

Em oposição ao mundo da vida, Habermas cunhou o conceito que ele chama de *mundo sistêmico* que

pode ser entendido como a esfera da ação instrumental, planejada, estratégica, calculada, regida por uma racionalidade determinada, o que implica um modelo de comunicação igualmente estratégica e instrumental, ou seja, voltada para fins e objetivos específicos e pré-determinados (BARROS, 2000, p. 133).

⁶ Ver para aprofundar ainda mais a discussão sobre o conceito de mundo da vida: a) conceito formal-pragmático (HABERMAS, 1996, p. 129-137); b) o conceito de mundo da vida e o idealismo da sociologia hermenêutica (id., 2012b, p. 218-275). Ver também: a sociedade enquanto mundo da vida simbolicamente estruturado (id., 1996, p. 137-147); disjunção entre mundo da vida e sistema (id., 2012b, p. 276-356).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O grande problema, que leva Habermas a criticar “o fenômeno que ele denomina de ‘colonização’ do *vivido* pelo *sistêmico*” (BARROS, 2000, p. 134) é que o mundo sistêmico é pautado “por mecanismos de mercado ou burocráticos, que limitam e controlam as decisões voluntárias, as manifestações espontâneas dos indivíduos e a livre expressão do pensamento e da opinião. Tudo deve ser orientado para os fins e objetivos almejados” (BARROS, 2000, p. 133).

O Estado e o mercado são os principais influenciadores desse universo social *sistêmico*. O mercado, o Estado e a burocracia regulamentam (colonizam) a esfera do mundo vivido. Tomemos, a título de exemplo, o caso das festas e manifestações populares, em que predominam a influência dos meios de controle sistêmicos, a manipulação e discriminação imposta pela grande mídia convencional.

Essa concepção habermasiana de uma colonização do mundo da vida tem fortes implicações na construção de teorias no campo da Folkcomunicação pois, como ponderam Rocha, *et. al.*, (2007, p. 2):

Luiz Beltrão denuncia a distorção sistemática da comunicação como operação ideológica e adverte as forças progressistas (“elites desenvolvimentistas” – o nacionalismo desenvolvimentista bastante expressivo naquela época) sobre a necessidade de adequar o seu discurso ao universo cultural e imaginário das massas marginalizadas urbanas e rurais – ao acervo de conhecimentos compartilhado intersubjetivamente pela maioria da sociedade.

Em outras palavras, podemos dizer que a Folkcomunicação não pode deixar de considerar

o embate entre a estrutura de poder e as suas fontes oficiais engajadas na preservação da ordem institucional, por um lado, e, pelo outro lado, a mobilização dos indivíduos para superação da crise estrutural de sentido e conquista de maiores condições de sentimento de pertença, especialmente das pessoas dos setores populares da periferia da sociedade (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 101).

A instrumentalização dos meios de comunicação pela racionalidade sistêmica, dos interesses particulares que se impõem a partir da coação de pressões externas que



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

caracterizam a facticidade “representa a barbárie em que se reveste a supremacia da racionalidade instrumental, através de seus meios de controle sistêmicos dinheiro e poder, sobre a racionalidade comunicativa” (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 91). Nesse cenário, os produtos jornalísticos e os meios de comunicação funcionam como meio de controle sistêmico, limitando a possibilidade de fluxos comunicativos da periferia e “visando a reprodução da ordem estabelecida e, conseqüentemente, a colonização do mundo da vida” (ROCHA, 2007, p. 124).

Uma tal colonização invade, com a lógica normativa do mundo sistêmico, os espaços livres e espontâneos da sociedade, a esfera cultural “[...] O lazer, a diversão, as relações familiares, a comunicação interpessoal, as festas comunitárias e os momentos de celebração popular” (BARROS, 2000, p. 134) que passam a ser regulamentados por essa lógica e o mundo vivido se reduz a um aspecto desse sistema de racionalidade instrumental.

Por isso o mérito da teoria do agir comunicativo, concomitante com a denúncia de Beltrão da distorção sistemática da comunicação como operação ideológica, está em opor à lógica do mundo sistêmico uma outra lógica, “construída intersubjetivamente, única capaz de gerar solidariedade e coesão (legitimidade) social” (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 91). De tal modo que

vale registrar a contribuição da Folkcomunicação e da Teoria da Ação Comunicativa para o reconhecimento da capacidade de resistência dos grupos populares da periferia para lutar contra os mecanismos de dominação e exclusão, formando opinião, vontade política e mobilização de poder comunicativo, com condições de se revestir de uma natureza material para transformar a ordem estabelecida (ROCHA; PEREIRA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 102).

Considerações Finais

O pioneirismo de Luiz Beltrão abriu um novo campo de estudos e pesquisa na área de Teoria da Comunicação, dando uma importância sem precedentes à comunicação das tradições populares como manifestação própria e legítima dentro de um determinado grupo cultural. Sua perspicácia abriu caminho para que as classes marginalizadas e a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

cultura popular fossem reconhecidas abrindo a possibilidade de diálogo com as classes inexploradas pelos *mass media*.

A partir de suas contribuições é possível identificar uma série de questões associadas ao tema da Folkcomunicação que vão desde uma análise da produção do povo, das massas, das camadas populares, como elas se comunicam e expressam suas opiniões nas manifestações artísticas e folclóricas, até um campo de estudos que procura entender a interação social da cultura popular, dos costumes, das tradições, das redes interpessoais de comunicação, e tantos outros.

E dentro desse amplo leque de estudos e pesquisa é possível identificar similaridades com as ideias do filósofo alemão Jürgen Habermas e o novo paradigma da razão comunicativa preconizado pelo filósofo. As possibilidades de aproximação entre as ideias de Habermas e os estudos em Folkcomunicação tomando como base as ideias de Luiz Beltrão são bem amplas e passam por diversos conceitos como a ideia de ação comunicativa, intersubjetividade, esfera pública, ética do discurso, mundo da vida. Todavia, levando em consideração as limitações de um artigo como este foi necessário limitar esta possibilidade de aproximação levando em consideração principalmente a guinada promovida pela Filosofia da Linguagem no século XX que questiona o modelo da Filosofia da Consciência centrada em uma razão subjetiva e passa a entender a racionalidade sob uma perspectiva pragmático linguística e intersubjetiva, além das teorias de Habermas sobre a colonização do mundo da vida.

A contribuição da Folkcomunicação e da Teoria da Ação Comunicativa vão na direção de um processo de descolonização do mundo da vida, dentro de um contexto intersubjetivo que concebe a razão em um espaço coletivo retomando e ressignificando questões sociais, em torno do qual é possível pensar um empoderamento dos cidadãos e uma alternativa de resistência da cultura popular, dos marginalizados, dos movimentos sociais da periferia da estrutura de poder, contra os meios de controle sistêmico da mercantilização (influência exercida pelo poder econômico monopolizado por grandes corporações) e até mesmo pelo Estado burocratizado.

Referências Bibliográficas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

BARBERO, J. M. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. de (ed.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BARROS, Antonio Texeira de. Relações públicas e Folkcomunicação: reflexões à luz da teoria da ação comunicativa. **Comunicação & Sociedade**, PósCom-Umesp, n. 34, p.199-214, 2º sem. 2000. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4320>>. Acesso em 05/02/2018.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BREGUES, Sebastião. Folkcomunicação: a comunicação das classes subalternas. **Comunicação & Sociedade**, v. 24, n. 38, p. 177-183, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v24n38p177-183>>. Acesso em 26/02/2018.

HABERMAS, Jürgen. **Racionalidade e Comunicação**. Lisboa: Edições 70, 1996.

_____. **Teoria do Agir Comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução Paulo Astor Soethe. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. vol. 1

_____. **Teoria do Agir Comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista**. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b. vol. 2

HONNETH, Axel. Teoria Crítica. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 503-552.

OLIVEIRA, José C. A. de; SILVA, Genivalda C. da. Da Folkcomunicação à semiologia: Os três vetores metodológicos para o estudo dos ex-votos. Trabalho apresentado na Divisão Temática 8 – Estudos Interdisciplinares – GP Folkcomunicação. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. **Anais** [recurso eletrônico] Manaus, AM – 4 a 7 de setembro de 2013, p. 1-15.

OLIVEIRA, Paulo César de. A ética da ação comunicativa em Jürgen Habermas. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 01, p. 14-22, 2008. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art2-rev1.pdf>>. Acessado em 11/07/2016.

ROCHA, Heitor C. L. da; PEREIRA JÚNIOR, Alfredo E. V.; LIMA, Nataly de Q. O paradigma científico construtivista e a Folkcomunicação: A superação do elitismo científico positivista e a valorização da comunicação popular. **Razón y Palabra**, v. 20, n. 4_95, p. 87-104, out./dez., 2016. Disponível em: <<http://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/795>>. Acesso em 25/02/2018.

ROCHA, Heitor C. L. da. Habermas e a Teoria do Jornalismo: a Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação. **Contracampo**, n. 16, p. 113-130, 2007. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/395>>. Acesso em 26/02/2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

ROCHA, Heitor C. L. da [et. al.]. Pioneirismo e Atualidade da Obra de Luiz Beltrão: Uma Teoria Sobre o Significado da Comunicação na Legitimação Social. Mesa apresentada no Multicom – II Colóquios Multitemáticos em Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. **Anais** [recurso eletrônico]. Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007, p. 1-15.

SILVA, Sandro Takeshi M. da. **Teorias da Comunicação nos estudos de Relações Públicas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs>>.